

Em certo sentido, a pessoa mais benevolente e generosa do mundo busca sua própria felicidade ao fazer o bem aos outros, porque põe sua felicidade no bem deles. Sua mente dilata-se para, por assim dizer, recebê-los dentro, de Si mesmo. Por isso, quando eles estão felizes, ela sente o mesmo; participa com eles e é feliz na felicidade deles. Isso está tão longe de ser incoerente com a liberdade da beneficência que, pelo contrário, a benignidade e a bondade fazem parte dela.

JONATHAN EDWARDS

Deus ama a quem dá com alegria. APÓSTOLO PAULO

Amor

O ESFORÇO DO PRAZER CRISTÃO

Falamos até aqui que a benignidade desinteressada em relação a Deus não é algo bom. Se você se aproxima de Deus por dever em vez de estar sedento pela recompensa da comunhão, então você está se exaltando acima de Deus, como benfeitor dele, rebaixando-o a um beneficiário necessitado e isso é maligno.

A única maneira de glorificar o Deus na adoração é ir até ele porque "em sua presença há plenitude de alegria, na sua destra, delícias perpetuamente" (SL 16.11). Essa tem sido a questão principal até aqui, e podemos chamá-la de busca do prazer cristão entre o ser humano e Deus, no eixo vertical da vida, a busca do prazer não é apenas tolerável — ela é obrigatória: "Agrada-te do Senhor!" O principal propósito do ser humano é glorificar a Deus ao alegrar-se nele para sempre. O que, contudo, podemos dizer agora da busca do prazer cristão no plano horizontal?

O que dizer do nosso relacionamento com outras pessoas?

Será que a benignidade desinteressada é o ideal entre as pessoas?

Ou a busca do prazer é obrigatória para todo tipo de amor humano que agrada a Deus?

A resposta deste capítulo é que a busca do prazer é uma motivação essencial para toda boa ação. Ou, em outras palavras, se você objetiva abandonar a busca do prazer pleno e duradouro, você não pode amar as pessoas ou agradar a Deus. Será que o amor busca o que é seu?

Certa vez, a um pastor depois de pregar sobre isso, um professor de filosofia escreveu-lhe uma carta com a seguinte crítica: Não é esse o argumento da moralidade, de que devemos fazer o bem porque é o bem? [...] Sugiro que devemos fazer o bem e nos portar virtuosamente porque isso é bom e virtuoso; que Deus o abençoará e nos fará felizes como uma consequência, mas não a motivação para fazê-lo.

Outro escritor popular diz: Para o cristão, a felicidade jamais é um alvo a ser buscado. É sempre a surpresa inesperada de uma vida de serviço.

Considero essas citações contrárias à Bíblia e contrárias ao amor, e, no final das contas (apesar de não intencionalmente), desonrosas para Deus.

Sem dúvida vêm-nos passagens à mente que parecem dizer exatamente o oposto do que estou dizendo: 1 Coríntios 13:5 diz que o amor não procura os seus próprios interesses.

Porém, será que isso tem um sentido tão absoluto que seria errado gostar de ser amoroso?

Primeiro leve em consideração o contexto bíblico amplo.

Devemos ter prazer em ser misericordiosos? (Mq 6.8). Em outras palavras, a ordem não é apenas fazer atos de misericórdia, mas gostar de ser misericordioso e querer ser misericordioso. Se você gosta de ser misericordioso, como abster-se de satisfazer o próprio desejo de praticar atos de misericórdia? Como abster-se de buscar a própria alegria em atos de amor, quando sua alegria

consiste em ser amoroso? Será que a obediência ao mandamento de "amar a misericórdia" significa que você tem de desobedecer ao ensino de 1 Coríntios 13.5, de que o amor não deve "buscar os seus interesses"? Não.

1 Coríntios 13.5 não pretende proibir a busca da alegria de amar, mas de pôr sua felicidade onde não deve e de limitar e restringir seu amor. Não devemos por nossa felicidade em nosso próprio bem, mas concentrarmo-nos no bem comum — que é o bem dos outros.

Um indício de que de fato é isso que Paulo quer dizer é a maneira como ele tenta motivar o amor genuíno no v. 3. Diz ele: "Ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará". Paulo nos adverte que não ter amor nos privará de "proveito", ou seja: "Se você não tiver amor real, não terá ganho real". Será que amor desinteressado pode alegrar-se na verdade?

No v. 6 vemos: "O amor não se alegra com a injustiça, mas rejubila-se com a verdade".

O amor não é uma simples escolha ou um mero ato.

Ele envolve as afeições. Ele não faz simplesmente o que é certo.

Ele se alegra no caminho da verdade. Miquéias 6.8 diz que devemos "amar a misericórdia"!

Como o amor se alegra nas escolhas que faz, não pode ser desinteressado. Não pode ser indiferente à sua própria alegria! Alegrar-se em uma ação significa tirar alegria dela.

É certo que há muito mais ganho do que este e que essa alegria de fato seja as primícias de uma alegria indestrutível e eterna.

Quando Paulo diz que não devemos buscar nossa vantagem, mas a do nosso próximo para que ele seja salvo, ele não diz que não devemos nos alegrar na salvação do nosso próximo.

De fato, Paulo disse àqueles que ele levava a Cristo: (1 Ts 2.19; Rm 10.1).

Isso não é a voz da benignidade desinteressada. A salvação de outros era a alegria e a paixão da sua vida! Quando negava confortos a Si mesmo para isso, ele era um cristão, não um cumpridor de deveres. Portanto, a lição de 1 Coríntios 10.24 e 33 é que não devemos considerar nenhum conforto pessoal uma alegria maior do que a alegria de ver nossos esforços levarem à salvação de outra pessoa. Esse também é o sentido de Romanos 15.1-13, em que Paulo diz que não devemos agradecer a nós mesmos, mas nosso próximo, para o bem dele e para sua edificação. Essa também é uma aplicação do princípio de que "o amor não procura os seus interesses". Ele não quer dizer que não devemos buscar a alegria de edificar os outros, mas que devemos deixar essa alegria nos libertar da escravidão aos prazeres pessoais que nos tornam indiferentes ao bem dos outros. O amor não procura sua alegria própria, limitada, mas o bem — a salvação e edificação — dos outros. Assim começamos a amar do jeito que Deus ama. Ele ama porque gosta de amar.

Amor é transbordar de alegria em Deus

Paulo pensa no amor genuíno somente em relação com Deus:

2 Coríntios 8.1-4 Irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia; porque, no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos.

A razão por que Paulo queria que os Coríntios soubessem dessa notável obra de graça entre os macedônios é que ele espera que a mesma coisa seja verdade entre eles. Ele está viajando entre as

igrejas recolhendo recursos para os santos pobres em Jerusalém (Rm 15.26; I Co 16.1-4). Escreveu 2 Coríntios 8 e 9 para motivar os Coríntios a serem generosos. Crucial para o nosso propósito é observar que, em 2 Coríntios 8.8, ele diz que isso é um teste do amor deles: "Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso amor". A Implicação clara desse versículo é que a generosidade dos macedônios é um modelo de amor que os Coríntios devem copiar. Ao contar do amor sincero deles, Paulo objetiva despertar também os Coríntios para o amor genuíno. Portanto, temos aqui um caso de teste, para ver como o amor de 1 Coríntios 13 é na vida real. Os macedônios tinham renunciado seus bens a exemplo de 1 Coríntios 13.3 ("ainda que eu distribua todos os meus bens").

Aqui, porém, há amor verdadeiro, enquanto ali não havia nenhum amor. O que torna a generosidade dos macedônios um ato genuíno de amor?

A natureza do amor genuíno pode ser vista em quatro coisas:

Primeira, é uma obra da graça divina. "Irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia" (2 Co 8.1). A generosidade dos macedônios não era de origem humana. Apesar de esses três versículos dizerem que eles "se mostraram voluntários", a disposição deles era uma dádiva de Deus — uma obra da graça. Pode-se ver essa mesma combinação da graça soberana de Deus com o resultado da voluntariedade humana em 2 Coríntios 8.16, 17: Graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós; porque [...] partiu voluntariamente para vós outros. Deus a pôs no coração de Tito. E ele vai voluntariamente. A disposição é uma dádiva — uma obra da graça divina.

Segunda, essa experiência da graça de Deus encheu os macedônios de alegria. "No meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade" (2 Co 8.2). Veja que a alegria deles não se devia ao fato de que Deus os fizera prosperar financeiramente. Ele não fizera! Em "profunda pobreza" eles tinham alegria. Por isso essa alegria era alegria em Deus — na experiência da sua graça.

Terceira, a alegria deles na graça de Deus transbordou em generosidade para atender as necessidades de terceiros. "Sua abundância de alegria [...] superabundou em grande riqueza da sua generosidade" (2 Co 8.2). Portanto, a liberalidade expressa horizontalmente em relação às pessoas foi um transbordar da alegria na graça de Deus.

Quarta, os macedônios imploraram pela oportunidade de sacrificar seus modestos recursos pelos santos em Jerusalém. "Eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos (2 Co 8.3, 4). Em outras palavras, a maneira pela qual a alegria deles em Deus transbordou foi na alegria de dar. Eles queriam dar. Nisso estava a alegria deles!

Agora podemos dar uma definição de amor que leva Deus em conta e também inclui os sentimentos que devem acompanhar os atos externos de amor: o amor é o transbordar da alegria em Deus que atende alegremente as necessidades dos outros.

Paulo não colocou os macedônios como modelo de amor apenas porque se sacrificaram para suprir as necessidades dos outros. O que ele destaca é como eles adoraram fazer isso (Mq 6.8).

Foi o transbordar de ALEGRIA! Eles "pediram com muitos rogos" que pudessem dar. Encontraram seu prazer em canalizar a graça de Deus através da sua pobreza para a pobreza em Jerusalém. É simplesmente de deixar boquiaberto! ...

É por isso que alguém pode dar seu corpo para ser queimado e não ter amor. Amor é o transbordar de alegria em Deus! Não é obrigação por amor à obrigação, nem direito por amor ao direito. Não é o abandono resoluto do bem próprio para ter em vista apenas o bem de outra pessoa. É primeiro uma experiência profundamente satisfatória da plenitude da graça de Deus, e depois a experiência duplamente satisfatória de compartilhar essa graça com outra pessoa.

Quando os macedônios empobrecidos pediram que Paulo lhes concedesse o privilégio de dar dinheiro para outros santos pobres, podemos concluir que é isso o que eles querem fazer, não apenas devem ou têm de fazer; eles realmente anseiam por fazê-lo. É sua alegria — uma extensão da sua alegria em Deus. Estão realmente "negando a Si mesmos" prazeres ou confortos que poderiam ter com o dinheiro que estão entregando, mas a alegria de estender a graça de Deus é uma recompensa bem melhor do que qualquer coisa que o dinheiro poderia comprar. Os macedônios descobriram o esforço do prazer cristão: amor! É o transbordar da alegria em Deus que supre alegremente as necessidades dos outros. Deus ama a quem dá com alegria

Em 2 Coríntios 9.6, 7 temos uma confirmação de que estamos no caminho certo. Paulo continua a motivar os Coríntios a serem generosos. Diz ele: Aquele que semeia pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não por tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria. Eu entendo que isso quer dizer que Deus não se agrada quando as pessoas agem com benignidade mas não o fazem com alegria. Quando as pessoas não têm prazer em suas ações de serviço, Deus não tem prazer nelas. Ele ama a quem dá com alegria, a quem serve com alegria. Que tipo de alegria? Com certeza a maneira mais segura de responder a essa pergunta é lembrar que tipo de alegria motivou os macedônios a serem generosos. Foi o transbordar da alegria na graça de Deus. Por isso, o doador que Deus ama é aquele cuja alegria nele transborda "com júbilo" na generosidade em relação aos outros.

Talvez esteja ficando claro por que se você tenta abandonar a busca da sua alegria plena e duradoura, não pode amar as pessoas ou agradar a Deus. Se amor é o transbordar da alegria em Deus que supre alegremente as necessidades dos outros, então abandonar a busca dessa alegria é abandonar a busca do amor! E se Deus se agrada de doadores jubilosos, então abandonar a busca dessa alegria põe você em um rumo que não compraz a Deus. Se para nós não faz diferença se praticamos uma boa ação alegremente, então estamos sendo indiferentes ao que agrada a Deus. Porque Deus ama a quem dá com alegria. Por essa razão, é essencial que sejamos cristãos que buscam o prazer no nível horizontal em nosso relacionamento com outras pessoas, e não apenas no eixo vertical do nosso relacionamento com Deus.

Se amor é o transbordar da alegria em Deus que atende alegremente as necessidades de outras pessoas, e se Deus ama tais doadores alegres, então essa alegria em dar é um dever cristão, e o esforço de não buscá-la é pecado.

Quem ama se alegra na alegria da pessoa amada

Antes de saímos de 2 Coríntios, veja mais uma passagem cheia de implicações para a natureza do amor. Em 2 Coríntios 1.23-2.4, Paulo escreve sobre uma visita que não fez e uma carta penosa que teve de enviar. Ele explica os sentimentos mais profundos do seu coração com tudo isso:

Eu, porém, por minha vida, tomo a Deus por testemunha de que, para vos poupar, não tornei ainda a Corinto; não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria; porquanto, pela fé, já estais firmados. Isto deliberei por mim

mesmo: não voltarei a encontrar-me convosco em tristeza. Porque, se eu vos entristeço, quem me alegrará, senão aquele que está entristecido por mim mesmo? E isto escrevi para que, quando for, não tenha tristeza da parte daqueles que deveriam alegrar-me, confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa. Porque, no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração, vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida.

Observe como o fato de Paulo buscar a alegria deles e a sua própria tem relação com o amor. No v. 2 ele dá a razão por que não fez outra visita dolorosa a Corinto: "Porque, se eu vos entristeço, quem me alegrará, senão aquele que está entristecido por mim mesmo?" Em outras palavras, a motivação de Paulo aqui é preservar a sua própria alegria. Ele está dizendo:

"Se eu destruir a alegria de vocês, a minha também se destruirá. Por quê? Porque a alegria deles é exatamente o que lhe dá alegria!

Em 2 Coríntios 1.24 fica claro que a alegria que está em vista é a alegria da fé. É a alegria de conhecer e descansar na graça de Deus — a mesma alegria que levou os macedônios a serem generosos (2 Co 8.1-3). Quando essa alegria existe em abundância em seus convertidos, Paulo sente grande alegria pessoalmente. E ele lhes diz sem constrangimento que a razão por que não quer roubar-lhes a alegria é que isso o privaria da alegria dele. É assim que fala um cristão que busca o prazer. No v. 3 Paulo diz a razão por que lhes enviou uma carta penosa: "Isto escrevi para que, quando for, não tenha tristeza da parte daqueles que deveriam alegrar-me, confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa". Aqui sua motivação é a mesma, exceto num ponto. Ele diz que não queria ser entristecido. Ele quer alegria, não sofrimento. Ele é um cristão que busca o prazer! Mas aqui ele vai um passo além do v. 2. Ele diz que a razão por que quer alegria e não sofrimento é que tem confiança de que a alegria dele também é a deles: "Confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa".

Portanto, o v. 3 é o inverso do v. 2. No v. 2 ele afirma que a alegria deles é também a sua; isto é, quando eles estão alegres ele se sente feliz com a alegria deles. E no v. 3 ele afirma que a sua alegria é a alegria deles; isto é, quando ele está feliz eles se sentem felizes com a alegria dele.

Depois, o v. 4 torna a relação com o amor explícita. Ele diz que a razão por que lhes escreveu foi "para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida". Então, o que é amor? O amor existe em abundância entre nós quando a sua alegria é minha e a minha alegria é sua. Não estou amando apenas porque busco sua alegria, mas porque a busco como minha.

Digamos que alguém fale a um dos seus filhos: "Seja bonzinho com seu irmão, ajude-o a arrumar o quarto, tente fazê-lo sentir-se contente, não infeliz". Como seria se ele ajudasse a limpar o quarto, mas resmungasse o tempo todo e transpirasse descontentamento? Haveria virtude em seu esforço? Não muito. O que está errado é que a felicidade do seu irmão não é a sua. Ao ajudar seu irmão, ele não está buscando sua própria alegria na felicidade do seu irmão. Ele não está agindo como um cristão que vive para o prazer. Seu esforço não é o esforço do amor. É o esforço do legalismo — ele age por mera obrigação, para não ser castigado.

O amor se compraz em causar e contemplar alegria nos outros

Agora pense na relação entre as ilustrações do amor nos capítulos 2 e 8 de 2 Coríntios. No capítulo 8, o amor é o transbordar da alegria em Deus que supre alegremente as necessidades dos outros. E o impulso de uma fonte que transborda. Ela tem sua origem na graça de Deus, que transborda livremente porque tem prazer em encher o que está vazio.

O amor participa da natureza dessa graça, porque também tem prazer em transbordar livremente para atender as necessidades dos outros.

O amor vem de Deus e transborda sobre nós e é o que existe entre as pessoas que encontram sua alegria na alegria do outro. Que relação essas duas maneiras de falar do amor têm entre si?

O amor não apenas se compraz em causar alegria nos que estão vazios (2 Co:8), mas também em contemplar a alegria nos que estão cheios (2 Co 2).

A graça de Deus se compraz em conceder arrependimento (2Tm 2.25) e regozija-se com um pecador que se arrepende (Lc 14.7).

Quando nosso coração está cheio de prazer na graça de Deus, não apenas desejamos causar alegria nos outros, mas também a contemplamos quando existe neles.

O amor é o esforço do cristão que se compraz em gerar sua alegria nos outros, então ele também é a satisfação do cristão que se compraz em ver sua alegria gerada nos outros.

O amor chora

2 Coríntios 2:4 - Será que isso é um coração de amor?

Insisti tanto que amor é o transbordar de alegria, que alguém poderia pensar que não há lugar para tristeza ou angústia no coração de amor, nem lugar para lágrimas em sua face.

O contentamento de um cristão que busca o prazer não é uma serenidade de estilo budista, insensível às dores dos outros. É um contentamento profundamente insatisfeito. Ele está constantemente faminto por mais do banquete da graça de Deus. E mesmo a medida de contentamento que Deus concede contém um impulso insaciável para expandir-se para outros (2 Co 8.4;1Jo 1.4). A alegria cristã revela-se como contentamento insatisfeito sempre que detectar uma necessidade humana. Ela começa a expandir-se em amor para suprir essa necessidade e produzir a alegria da fé no coração da outra pessoa.

Mas como frequentemente há um lapso de tempo entre nossa percepção da necessidade de alguém e nosso prazer final com a sua alegria restaurada, há lugar para lágrimas nesse intervalo. O choro da compaixão é o choro da alegria impedida de estender-se até o outro.

O amor mantém em mente a recompensa do amor

Outra experiência triste aparece quando Paulo revela seu compromisso com o prazer cristão. Em Atos 20 ele se reúne pela última vez com os líderes da igreja em Éfeso. Há muitas lágrimas e abraços quando ele encerra seu discurso de despedida (At 20.37). Essas lágrimas, porém, apenas acentuam a grande afeição que os líderes têm por aquele que lhes ensinou a alegria do ministério. Atos 20:35

A última coisa que Paulo deixou ecoando nos ouvidos deles na praia em Mileto foi a incumbência ministerial do prazer cristão. "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber."

A maioria das pessoas não sente a ênfase no prazer dessas palavras porque não medita no significado das palavras "e recordar".

Paulo está dizendo que duas coisas são necessárias:

- 1) ajudar os fracos
- 2) lembrar que Jesus disse que quem dá é mais feliz do que quem recebe.

Por que essas duas coisas são necessárias? Por que não apenas ajudar os necessitados? Por que também devemos recordar que dar traz bênçãos?

A maioria dos cristãos hoje concorda que dar traz bênçãos, mas não que devemos nos recordar disso. A sabedoria cristã popular diz que a bênção virá como resultado de dar, mas se você mantém esse fato em mente como motivação, isso arruinará o valor moral do seu gesto e fará de você um mercenário. A palavra "recordar" em Atos 20.35 é um grande obstáculo a essa sabedoria popular. Por que Paulo diria aos líderes da igreja que tivessem em mente os benefícios do ministério, se isso transformasse ministros em mercenários?

A resposta do prazer cristão é que é preciso ter em mente as verdadeiras recompensas do ministério, exatamente a fim de não nos tornarmos mercenários. C. S. Lewis vê isso com clareza: Não precisamos incomodar-nos com os incrédulos, quando dizem que essa promessa de recompensa transforma a vida cristã num empreendimento mercenário. Há vários tipos de recompensa. Existe uma recompensa que não se relaciona com os esforços que você faz para conquistá-la e é inteiramente alheia aos desejos que devem acompanhar esses esforços. O dinheiro não é a recompensa do amor; por isso chamamos de mercenário o homem que casa por interesse. Mas o casamento é a recompensa lógica da pessoa que ama, e essa pessoa não é mercenária por desejá-lo. O general que se distingue em combate na esperança de ganhar um título de nobreza é mercenário; o que se bate pela vitória não o é, visto que a vitória está para a batalha como o casamento para o amor. As verdadeiras recompensas não se adicionam simplesmente a atividade que premiam, são a própria atividade em consumação."

Não vejo como alguém pode honrar a palavra "recordar" em Atos 20.35 enquanto continua considerando errado buscar a recompensa de alegria no ministério. Pelo contrário, Paulo acha que é necessário manter a alegria com firmeza diante dos olhos. Essa é a última coisa e talvez a mais importante que ele tem a dizer aos líderes da igreja de Éfeso antes de partir, "LEMBREM-SE! Quem dá é mais feliz do que quem recebe."

Quem ama gosta de ministrar

Paulo não é o único apóstolo que aconselhou os líderes das igrejas a recordar e buscar a bênção do ministério. 1 Pe 5.1-2.

Em outras palavras, "Deus gosta de pastores alegres". Observe como essas exortações recomendam o prazer. Pedro não exorta os pastores a simplesmente fazerem o seu trabalho. Perseverar nos momentos difíceis é bom. É essencial! Mas isso não é tudo o que se ordena aos pastores. Temos a ordem de gostar do nosso trabalho!

Pedro condena duas motivações. Uma é "por força". Não façam seu trabalho por obrigação. Isso quer dizer que o impulso deve vir alegremente de dentro, não opressivamente de fora. Pressão dos pais, expectativas da congregação, medo do fracasso ou da repreensão divina — esses não são bons motivos para permanecer no ministério pastoral. Deve haver disposição interior. Devemos querer fazer o ministério. Ele deve ser a nossa alegria. A alegria no ministério é uma obrigação! — um fardo leve e um jugo suave.

A outra motivação que Pedro condena é a ganância por dinheiro: "Não por torpe ganância, mas de ânimo pronto". Se o dinheiro é a motivação, sua alegria não virá do ministério, mas das coisas que você poderá comprar com seu salário. Isso é o que Lewis chama de ser mercenário. A "ânsia" pelo ministério não deve vir da recompensa extrínseca em dinheiro, mas da recompensa intrínseca de ver a graça de Deus fluir através de você para os outros. 3 João 4. Quando esse tipo de recompensa cria uma disposição alegre no ministério, Cristo é honrado (pois ele é a "verdade" que

sua congregação seguirá) e eles são amados (pois não podem ter maior benefício do que a graça de seguir a Cristo).

Assim, a ordem do apóstolo Pedro é buscar alegria no ministério. Isso não é opcional. Não é um mero resultado inesperado. É uma obrigação. Dizer que se é indiferente ao que o apóstolo ordena experimentar significa ser indiferente à vontade de Deus. E isso é pecado.

Phillips Brooks, pastor episcopal em Boston cem anos atrás, captou o espírito do conselho de Pedro aos pastores: Penso, mais uma vez, que é essencial ao sucesso do pregador que ele goste totalmente do seu trabalho. Estou falando do exercício prático dele, não apenas da sua ideia. Ninguém que tem repulsa pelos detalhes da sua tarefa é apto para a perfeita execução da mesma. Ele pode tomar um impulso corajoso e dominá-la apesar da má vontade, mas não conseguirá trabalhar nela ano após ano, dia após dia. Por isso, considere não apenas um prazer perfeitamente legítimo, mas um elemento essencial do seu poder o fato de conseguir sentir um prazer singelo no que você tem para fazer como ministro, ao escrever com fervor, ao falar com brilho, ao estar diante de pessoas e motivá-las, ao ter contato com os jovens. Quanto mais completo for o seu prazer, melhor você o fará.

Isso vale totalmente para a pregação. Sua maior alegria está na grande ambição que lhe é proposta, de glorificar o Senhor e salvar pessoas. Nenhuma outra alegria na terra se compara com essa. O ministério que não sente essa alegria está morto. Porém, por trás dessa maior das alegrias, em humilde uníssono com ela, do mesmo modo como o corpo saudável vibra de simpatia com os pensamentos profundos e os desejos puros da mente e da alma, os melhores ministros sempre estiveram conscientes de outro prazer inerente ao próprio desempenho do trabalho. Ao lermos sobre a vida de todos os pregadores mais eficientes do passado, ou quando encontramos os que são pregadores poderosos da Palavra hoje, sentimos com que certeza e profundidade o próprio exercício do seu ministério lhes dá prazer.

O amor não é fácil de agradar

O obstáculo que nos impede de obedecer ao primeiro mandamento (vertical) é o mesmo que nos impede de obedecer ao segundo (horizontal). O problema não é que estamos todos tentando agradar a nós mesmos, mas que somos todos muito fáceis de agradar. Não cremos em Jesus quando ele diz que há mais bênção, mais alegria, mais prazer duradouro na vida dedicada a ajudar os outros do que na vida dedicada ao nosso conforto material.

E por isso o próprio anseio por satisfação, que deveria nos levar a uma vida simples e a esforços de amor, contenta-se com as cisternas rachadas da prosperidade e do conforto. (Mt 6.19, 20).

Deixe de estar satisfeito com os poucos 5% de rendimento de prazer devorados pelas traças da inflação e pela ferrugem da morte. Invista nas ações de alto rendimento, com garantia divina no céu. Dedicar a vida a confortos e prazeres materiais é como jogar dinheiro pelo ralo.

Investir a vida no esforço do amor rende lucros de amor insuperáveis e intermináveis. (Lc 12.33). Essa mensagem é realmente boa nova: Venha para Cristo, em cuja presença há plenitude de alegria e prazeres sem fim. Junte-se a nós no trabalho do prazer cristão. Porque foi o Senhor quem disse: Há mais felicidade em amar do que em viver no luxo!

Quem ama sofre pela alegria

Amar custa caro. O amor sempre inclui algum tipo de autonegação. Ele com frequência exige sofrimento. Mas o prazer cristão insiste em que o lucro supera a dor. Ele afirma que há raros e

maravilhosos espécimes de alegria que florescem apenas no ambiente chuvoso do sofrimento.

"A alma não teria arco-íris se o olho não tivesse lágrimas."

A cara alegria do amor é ilustrada várias vezes em Hebreus 10-12. Veja esses exemplos:

1. **Hebreus 10:32-35** - Baseado em minha pequena experiência com o sofrimento, eu não teria direito em mim mesmo de dizer que algo assim é possível — aceitar com alegria o saque dos bens. Mas a autoridade do prazer cristão não está em mim, está na Bíblia. Não tenho o direito por mim mesmo de dizer: "Alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo" (1 Pe 4.13). Pedro pode fazê-lo porque ele e os outros apóstolos foram torturados por causa do evangelho (At 5.41). Os cristãos em Hebreus 10.32-35 obtiveram o direito de ensinar-nos sobre o amor caro. A situação parece ter sido essa: nos primeiros dias da sua conversão, alguns deles tinham sido presos por causa da fé. Os outros tiveram de enfrentar uma decisão difícil: Devemos nos esconder e permanecer "seguros", ou devemos visitar nossos irmãos e irmãs na prisão e arriscar nossa vida e nossas propriedades? Eles escolheram o caminho do amor e aceitaram pagar o preço.

Eles participaram do sofrimento dos prisioneiros.

E, quando tiraram tudo o que eles tinham, suportaram isso com alegria.

Será que eles saíram perdendo? De forma alguma. Eles perderam bens e ganharam alegria! Eles aceitaram a perda com alegria. Em um sentido eles negaram a Si mesmos. Mas em outro não. Eles escolheram o caminho da alegria. É evidente que esses cristãos foram motivados para o ministério na prisão da mesma maneira que os macedônios (2 Co 8.1 -8) foram motivados a ajudar os pobres. Sua alegria em Deus transbordou em amor pelos outros.

Eles olharam para sua própria vida e disseram: (Sl 63.3).

Olharam para todas as suas posses e disseram: (Hb 10:34).

Depois olharam um para o outro e disseram: Se temos de perder os filhos, bens, esposa, Embora a vida vá, Por nós Jesus está, E dar-nos-á seu reino. Martinho Lutero

Com alegria eles "renunciaram a tudo quanto tinham" (Lc 14.33) e seguiram Cristo para a prisão, para visitar seus irmãos e irmãs. O amor é o transbordar da alegria em Deus que atende as necessidades dos outros.

2. **Hebreus 11.24-26** - Para gravar bem a lição, o autor de Hebreus cita Moisés como exemplo desse tipo de prazer cristão. Observe como a motivação é semelhante à dos primeiros cristãos.

Pela fé Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus, do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado; tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egito; porque tinha em vista a recompensa.

3. **Hebreus 10.34** - O autor disse que o anseio dos cristãos por uma propriedade melhor e mais duradoura transbordou em amor feliz, que lhes custou suas propriedades. Aqui, Moisés é um herói para a igreja porque seu prazer na recompensa prometida transbordou em tal alegria que considerou, em comparação, os prazeres do Egito como lixo e dedicou se para sempre ao povo de Deus em amor. Ele recebeu olhos para ver que os prazeres do Egito eram "por um pouco de tempo", não eternos. Foi lhe concedido ver que sofrer pela causa do Messias era "maior riqueza do que os tesouros do Egito". Avaliando essas coisas, ele foi induzido a dar a si mesmo pelo esforço do prazer cristão — o amor. E ele passou o resto dos seus dias canalizando a graça de Deus para o povo de Israel. Sua alegria em Deus transbordou em uma vida de serviço a um povo carente. Ele escolheu o caminho da alegria máxima, não dos "prazeres transitórios".

4. **Hebreus 12.1, 2** - O maior esforço de amor jamais feito foi possível porque Jesus buscou a maior alegria imaginável, que é a alegria de ser exaltado a direita de Deus e em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz!"

A mão e a recompensa do amor estão organicamente ligadas

Uma coisa mencionada rapidamente nessa carta que pode carecer de uma explanação um pouco mais ampla é a questão da relação entre a alegria que vem do próprio ato de amor (imediate) e a alegria que vem da recompensa prometida no futuro mais distante. A razão por que creio que essa questão é importante é que a motivação de receber uma recompensa futura pode dar ao amor uma motivação mercenária (como já vimos), se a recompensa esperada não tiver alguma relação orgânica com o ato que fazemos para receber a recompensa.

Se a natureza da ação não é igual à natureza da recompensa, você pode fazer coisas que considera estúpidas ou más para obter a recompensa que considera sábia ou boa (entregar todos seus bens). Porém estaríamos ultrapassando os limites bíblicos da palavra "amor" se disséssemos que estamos amando quando fazemos coisas que consideramos estúpidas ou más. Um ato de amor (mesmo quando muito doloroso) tem de ser aprovado pelas Escrituras.

Assim, dizer que é correto e bom ser motivado pela esperança de recompensa (como foi o caso de Moisés e dos primeiros cristãos e de Jesus, de acordo com Hb 11.26; 10.34; 12.2) não significa que essa visão do futuro cancela a necessidade de escolher ações que, em sua natureza, têm relação orgânica com a recompensa esperada.

O que quero dizer com relação orgânica é isto: qualquer ato de amor que escolhemos em vista de uma recompensa santa tem de nos impulsionar porque vemos nesse ato os traços morais dessa recompensa prometida. Ou, em outras palavras, a única recompensa apropriada por um ato de amor é a experiência da glória divina, cuja dimensão moral tornou atraente a ação escolhida.

A recompensa que temos em vista como cristãos que buscam o prazer, por todo o bem que somos ordenados a praticar, se apresenta para nós em Romanos 8.29.

Dois objetivos da nossa predestinação são mencionados aqui: um que destaca a nossa glória e outro que destaca a glória de Cristo.

O primeiro objetivo da nossa predestinação é ser como Cristo. Isso inclui corpos ressurretos gloriosos como o dele (Fp 3.21; I Co 15.49). Mais importante que isso, porém, é que inclui qualidades e capacidades espirituais e morais como as de Cristo (1 Jo 3.2, 3).

O segundo e mais importante objetivo da nossa predestinação é que Cristo "seja o primogênito entre muitos irmãos". Em outras palavras, Deus tem por objetivo cercar seu Filho com imagens vivas de Si mesmo, de modo que a grandiosidade destacada do original (Jesus) brilhe ainda mais em suas imagens. O objetivo da predestinação é:

1) nossa alegria em nos tornar santos como ele é santo;

2) seu prazer em ser exaltado com destaque supremo em meio a um povo transformado e alegre.

Se estamos realmente sendo atraídos pela recompensa de sermos feitos santos como ele é santo, então seremos atraídos a ações que partilham da sua santidade.

Se nos regozijamos na expectativa de conhecer a Cristo assim como somos conhecidos, nos alegraremos nos tipos de ações e atitudes que refletem seu caráter moral.

Assim, no prazer cristão há uma relação orgânica entre o amor que Cristo nos ordena e a recompensa que ele promete. A questão jamais é mercenária, em que fazemos o que detestamos para obter o que gostamos. Jesus ilustra essa conexão entre ação e recompensa em Lucas 6.35.

Não devemos nos preocupar com a recompensa humana ("sem nada esperardes"), mas o Senhor nos dá um incentivo para amarmos, prometendo-nos a sua recompensa, que é que seremos filhos do Altíssimo. Essa filiação implica semelhança ("porque ele é benigno para com os ingratos"). Assim, a ordem e a recompensa são do mesmo material. A ordem é amar.

A recompensa é tornar-se como alguém que ama.

Portanto, é importante enfatizar por um lado que a recompensa que tal cristão almeja é o prazer incomparável de ser como Jesus e amar o que ele ama com uma intensidade que se aproxima da dele (Jo 17.26). E é importante enfatizar, por outro lado, que as ações de amor que tal cristão realiza são de medida prazerosa em Si mesmas porque contêm o aroma dessa recompensa final.

Quem ama anseia pelo poder da graça

Definimos "amor" como o transbordar da alegria em Deus, que atende as necessidades dos outros. Para concluir, será de utilidade prática perguntar como isso funciona realmente na experiência. Como é o processo psicológico que passa da alegria em Deus à ação prática do amor?

Começamos com um milagre, a saber, eu como pecador devo alegrar-me em Deus. Não apenas em suas recompensas materiais, mas nele, em toda a sua grandiosidade multiforme!

Essa experiência de conversão, como vimos, é a "criação" de um cristão que busca o prazer.

E agora, como o amor prático emerge desse coração de alegria em Deus?

Quando o objeto da nossa alegria é a beleza moral, o anseio de contemplar é inseparável do anseio de ser. Quando o Espírito Santo desperta o coração de uma pessoa para ter prazer na santidade de Deus, nasce um desejo insaciável não apenas de contemplar essa santidade mas também de ser santo como Deus é santo. Nossa alegria é incompleta se pudermos apenas contemplar a glória de Deus de fora, sem permissão de participar dela. Uma coisa é um menino aplaudir os grandes jogadores numa partida de futebol. Mas sua alegria será completa se puder ir para casa, formar um time e jogar pessoalmente.

Nós não queremos somente ver a graça de Deus em toda a sua beleza, salvando pecadores e santificando santos.

Queremos participar do poder dessa graça.

Queremos senti-la salvando.

Queremos senti-la derrotando tentações em nossa vida.

Queremos senti-la usando-nos para salvar outros.

E por quê? Porque nossa alegria em Deus é de um desejo insaciável.

Quanto mais você tem, mais você quer.

Quanto mais você vê, mais você quer ver.

Quanto mais você sente, mais você quer sentir.

Isso significa que a necessidade por alegria em Deus, que quer ver e sentir cada vez mais manifestações da sua glória, induzirá a pessoa a amar. Meu anseio de sentir o poder da graça de Deus derrotando orgulho e egoísmo em minha vida induz-me a uma conduta que demonstra a vitória da graça, que é amar. O amor genuíno é tão contrário à natureza humana que sua presença dá testemunho de um poder extraordinário. O cristão que busca o prazer busca o amor porque está viciado na experiência desse poder. Ele quer sentir mais e mais a graça de Deus reinando em sua vida. Vencendo a montanha interior do orgulho

Temos aqui uma analogia para uma motivação poderosa que existe também no coração dos descrentes.

Praticamente todas as pessoas sem Cristo estão dominadas pelo desejo de encontrar felicidade vencendo alguma limitação em sua vida e tendo a sensação do poder. Heinrich Harrer, membro da primeira equipe que escalou a parede norte do monte Eiger nos Alpes suíços, confessou que sua razão para tentar essa escalada foi vencer seu senso de insegurança. "A autoconfiança", disse ele, "é o dom mais valioso que alguém pode possuir. [...] Todavia, para possuir essa confiança autêntica é necessário ter aprendido a conhecer a Si mesmo em momentos em que se está no limite extremo das coisas. [...]"

Na parede norte do Eiger eu passei por essas situações extremas, vendo as avalanches passar sem parar por cima de nós".

O que faz toda a diferença entre quem não é cristão e o cristão que persegue o prazer nessa busca da alegria é que o cristão que busca o prazer já descobriu que a autoconfiança jamais satisfará o desejo do seu coração de vencer sua limitação.

Ele aprendeu que fomos feitos realmente não para a sensação de sentir nosso próprio poder aumentar, mas de sentir o poder de Deus aumentar, superando os precipícios do desamor em nosso coração pecaminoso.

É uma prova de como somos mundanos, o fato de sentirmos mais alegria quando conquistamos uma montanha exterior de granito com nossa própria força do que quando vencemos a montanha interior do orgulho na força do Senhor. O milagre do prazer cristão é que superar obstáculos ao amor pela graça de Deus tornou-se mais interessante que qualquer forma de autoconfiança. A alegria de experimentar o poder da graça de Deus derrotando o egoísmo é um vício insaciável.

Alegria duplicada na alegria de outro

Existe ainda outra maneira de descrever o processo psicológico que leva do prazer em Deus a atos de amor. Quando alguém se alegra na manifestação da gloriosa graça de Deus, desejará ver o maior número possível de manifestações dessa graça em outras pessoas. Se eu puder ser o meio de Deus salvar milagrosamente outra pessoa, para mim será tudo alegria, porque o que eu preferiria ver mais que outra manifestação da beleza da graça de Deus na alegria de outra pessoa? Minha alegria duplicasse com isso.

Quando o cristão que busca o prazer vê alguém sem esperança ou alegria, a necessidade dessa pessoa se torna como uma zona de pressão baixa que se aproxima da zona de pressão alta da alegria na graça de Deus. Nessa atmosfera espiritual, cria-se um repuxo da zona de pressão alta de alegria do cristão para a zona de pressão baixa de necessidade, pois a tendência da alegria é expandir-se para preencher a necessidade. Esse repuxo é chamado amor.

O amor é o transbordar da alegria em Deus que atende as necessidades dos outros. O transbordamento é experimentado conscientemente como a busca da nossa alegria na alegria do outro. Duplicamos nosso prazer em Deus ao expandi-lo para a vida dos outros. Se nosso objetivo principal fosse qualquer outra coisa que não a alegria em Deus, seríamos idólatras e não levaríamos ajuda eterna para ninguém.

Por isso, a busca do prazer é uma motivação essencial para toda boa ação.

E se você tentar abandonar a busca do prazer pleno e duradouro, você não poderá amar as pessoas nem agradar a Deus.